



**CONVITES SENSÍVEIS PARA MOVIMENTAR:
O corpo na sala**

**INVITACIONES SENSIBLES A MOVERSE:
El Cuerpo en la sala**

**SENSITIVE INVITATIONS TO MOVE:
The body in the room**

**Adrienne Ogêda Guedes¹
Carolina Cony Dariano da Rosa²
Vitória da Silva Bemvenuto Bonifacio³**

Resumo

Este texto escrito por três professoras-pesquisadoras trata-se de um ensaio, tanto no que diz respeito ao seu estilo de escrita e método (ADORNO, 2003; BONDÍA, 2003), quanto em sua perspectiva como acontecimento do/no corpo, como força disruptiva para potencializar uma educação sensível (Duarte Júnior, 2000). É a partir dessas dimensões que refletimos a respeito e apresentamos os “Convites Sensíveis para Movimentar”: um recurso pedagógico, concebido para ser uma experiência estética, que co-criamos para compor o conjunto de atividades do componente curricular “Seminário 9”, do curso de Pedagogia da universidade pública do Rio de Janeiro a qual estamos vinculadas. Com eles desejávamos garantir espaços ao movimento e experiências outras com a corporalidade, junto aos discentes, mesmo frente à circunstância remota imposta pela pandemia da COVID-19.

Palavras-chave: Experiência, Corpo, Educação Estética, Formação Docente

Resumen

Este texto escrito por tres maestras-investigadoras es un ensayo, tanto por su estilo y método de escritura (ADORNO, 2003; BONDÍA, 2003), como por su perspectiva como acontecimiento de/en el cuerpo, como fuerza disruptiva para potenciar una

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense (RJ), Professora Associada da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), atua como docente da disciplina de Corpo e Movimento na Escola de Educação e coordena projetos de pesquisa e extensão que articulam os campos da arte e da educação. Coordenadora do Grupo de Pesquisa FRESTAS (Formação e Ressignificação do Educador: Saberes, Troca, Arte e Sentidos).

² Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), Pesquisa em andamento (2022), orientadora professora doutora Adrienne Ogêda Guedes, Bolsista Faperj Nota 10; Artista da dança, professora de dança e pesquisadora do Grupo de Pesquisa FRESTAS (Formação e Ressignificação do Educador: Saberes, Troca, Arte e Sentidos).

³ Mestra em Educação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), Pesquisa concluída em 2022, orientadora professora doutora Adrienne Ogêda Guedes, Bolsista Capes; Profissional de Educação Física, professora de Yoga e pesquisadora do Grupo de Pesquisa FRESTAS (Formação e Ressignificação do Educador: Saberes, Troca, Arte e Sentidos).

educación sensible (Duarte Júnior, 2000). Es desde estas dimensiones que reflexionamos y presentamos las “Invitaciones Sensibles a Mover”: un recurso pedagógico, diseñado para ser una experiencia estética, que co-creamos para componer el conjunto de actividades del componente curricular “Seminario 9”, del curso de Pedagogía de la universidad pública de Río de Janeiro a la que estamos vinculados. Con ellos queríamos garantizar espacios de movimiento y otras experiencias con la corporeidad, junto a los estudiantes, aún ante la circunstancia remota que impone la pandemia del COVID-19.

Palabras-clave: Experiencia, Cuerpo, Educación Estética, Formación de profesores

Abstract

This text written by three teachers-researchers is an essay, both in terms of its writing style and method (ADORNO, 2003; BONDÍA, 2003), and in its perspective as an event of/in the body, as a force disruptive to enhance a sensitive education (Duarte Júnior, 2000). It is from these dimensions that we reflect on and present the "Sensitive Invitations to Move": a pedagogical resource, designed to be an aesthetic experience, which we co-created to compose the set of activities of the curricular component "Seminar 9", of the course of Pedagogy of the public university of Rio de Janeiro to which we are linked. With them, we wanted to guarantee spaces for movement and other experiences with corporeality, together with students, even in the face of the remote circumstance imposed by the COVID-19 pandemic.

Keywords: Experience, Body, Aesthetic Education, Teacher Training

Ensaiai na universidade: com o corpo, com a escrita acadêmica

Nos encontramos aqui, nas primeiras palavras escritas ou a serem lidas, buscando propor um convite para nos movermos, entre as palavras e dentro delas, nos inspirando numa escrita “[...] de caminho sinuoso, um caminho que se adapta aos acidentes do terreno” (BONDÍA, 2003, p.112), que vai sendo construída no próprio ato de escrever. Nos aventuramos, assim, na criação de um ensaio, nos dispondo a experienciar sua feitura como aquela/e que “[...] não sabe bem o que busca, o que quer, aonde vai. [Que] descobre tudo isso à medida que anda” (BONDÍA, 2003, p.112). Nesse sentido, nossos anseios e perguntas vão trilhando as possibilidades criativas e narrativas durante a escrita e, assim, vamos elaborando e escrevendo ao ter o caminho e o método por meio do qual seguimos como ensaio (BONDÍA, 2003). Assim, inspiradas em Adorno (2003), Bondía (2003), e também no ensaio como processo criativo na linguagem da dança, na composição cênica e na criação de movimentos, escolhemos explicitar, de imediato, aquilo com que/de que desejamos falar: o corpo. Corpo que ajusta sua postura tantas e tantas

vezes para encontrar a posição mais confortável para realizar uma ação que, assim como ele, veio sendo alijada das instâncias acadêmicas (ADORNO, 2003): ensaiar.

Um corpo que ensaia está em busca, em processo de criação, seja com a palavra ou com o gesto dançado. Será que o ensaio acadêmico pode relacionar-se com o ensaio dançado? Num ensaio coreográfico, pode-se imaginar um corpo que escolhe começar pela postura deitada. Ou pelo contrário: deseja sacudir, pular. Um ensaio pode começar de diversas maneiras, porque é processo. Como no ato de ensaiar uma escrita acadêmica, envoltas em escolhas, as perguntas dão ritmo ao processo de fazê-lo: o que fica e o que sai? E se mudarmos tudo de lugar? Que metodologia se utiliza para dar corpo ao que se pensa, sente e cria? No ensaio percebemos que o optar é vivo, ativo. Ele convoca o corpo a escrever, através do gesto, das tentativas, das insistências ou rupturas que alteram o fluxo criativo. Por isso, pensamos o ensaio como acontecimento do/no corpo: que por vezes, alijado por um mascaramento que o cinde da razão desde a modernidade (HOOKS, 2017), caminha pelos corredores acadêmicos e pelas esquinas da escrita científica.

Diante disso, a pergunta de bell hooks (2017, p. 253) nos dá a pensar: o “[...] que fazer com o corpo na sala de aula?”. E acrescentamos: o que fazer com o corpo na escrita acadêmica? Para nós, evidenciá-lo como ator central da escrita e da sala de aula, é desafiar, como identifica bell hooks (2017), a maneira como o poder vem ditando as regras e as fôrmas pelas quais devemos moldar nossos gestos nesses ambientes institucionalizados. O corpo que escreve e lê, que ensina e aprende, é transformado pela experiência da ação que realiza por meio da relação entre sujeitas/os, implicada no desenvolvimento de um trabalho político, ético e estético: envolver-se inteiramente no processo de ensaiar diversas possibilidades para a formação docente e discente.

Nesse sentido, nos propomos aqui a refletir sobre e apresentar a prática educativa que co-criamos, no segundo semestre de 2021, para compor o conjunto de atividades do componente curricular denominado “Seminário 9”, do curso de Pedagogia da universidade pública do Rio de Janeiro a qual estamos vinculadas. Prática que, inspirada no título de trabalhos artísticos pedagógicos da artista Carol Cony⁴ chamamos de “Convites sensíveis para movimentar”. A própria elaboração do “Seminário 9” foi uma proposta ensaísta da equipe de professoras/es do

4 A artista criou “Dança e Convites Sensíveis”, propostas artísticas pedagógicas em dança, inspiradas em instalações do artista brasileiro Hélio Oiticica e a série de oficinas/videodanças “Convites Sensíveis para Dançar”, contemplado pelo Edital Arte Escola, da Secretaria de Cultura da Cidade do Rio de Janeiro. Link: [Convites Sensíveis para Dançar](#)

Departamento de Didática (DID) da Escola de Educação da universidade a fim de experimentar maneiras outras - que não a presencial - de seguirem com as atividades acadêmicas em 2020, em razão da pandemia do Covid-19⁵. Diante dessa adversidade, as universidades públicas precisaram remodelar o modo de funcionamento de seus cursos de formação, balizados pelas diretrizes do Ministério da Educação e pelas instâncias superiores de gestão de cada instituição.

No caso da universidade onde a experiência que relataremos aqui se deu e no curso de Pedagogia em específico, foi proposta pelo DID a integração de três componentes curriculares obrigatórios afins, de modo a organizá-los em forma de seminários temáticos. Pretendia-se assim não só lidar com os desafios que se colocavam com relação aos ajustes de horários e dias das aulas, e o tempo de uso de computadores e celulares, mas também criar redes de fortalecimento entre nós, conjugando docentes e estudantes. Dessa forma, o “Seminário 9” integrou “Educação Ambiental”, “Corpo e Movimento” e “Arte e Educação”. Com ele o desafio era, como quer Morin (2006), incitar a conexão entre campos de conhecimentos de modo a estabelecer diálogos férteis entre eles, explorando diferentes questões que nos atravessavam e temas contemporâneos, cruzando olhares e referenciais que cada componente curricular nos possibilitava.

Em especial, o componente curricular “Corpo e Movimento”, quando era oferecido presencialmente nos anos anteriores à pandemia, envolvia em sua metodologia didática a proposição de aulas que mesclavam momentos de discussões a partir de temas e referências bibliográficas a outros que primavam pelas vivências corporais. Entendíamos, desse modo, que a construção de conhecimentos sobre o campo não poderia prescindir de uma experiência de corpo inteiro. Assim, garantir que em seu formato online conseguíssemos manter espaços/convites às experiências outras com o corpo era um desejo que nos mobilizava. Para tanto, a equipe de docentes, estagiárias docentes (mestrandas do programa de Pós-Graduação em Educação da mesma universidade) e bolsistas de ensino mantinham encontros sistemáticos para planejar e discutir as estratégias de construção do Seminário, e assim nasceram os “Convites sensíveis para Movimentar”.

“Convite sensíveis para Movimentar”: transformação, concepção, elaboração

Transformação

5 A COVID-19, doença causada pelo novo Coronavírus, foi descoberta na China em dezembro de 2019. Devido a fácil transmissibilidade do vírus provocou uma pandemia, que já dura, aproximadamente, dois anos.

Mesmo que este ensaio tenha começado a ser organizado em formato de texto apenas recentemente - janeiro de 2022 - para compor o “Dossiê Corporalidade na Educação”, no mês de julho de 2021 ele começava a ganhar forma dentro de nossos corpos. Conversamos sobre a possibilidade de criar maneiras para mantermos ativas as experiências estéticas por meio do movimento nas aulas do “Seminário 9”. Experiências anteriores em 2020, já no período da pandemia, nos deram pistas de dinâmicas de trabalho pelas quais obtivemos boas respostas e perguntas.

Já havíamos vivido três semestres de intensas atividades remotas em que propusemos práticas corporais voltadas ao cuidado consigo e com o coletivo, sincronamente. Tais propostas, que antecederam a criação dos “Convites Sensíveis para movimentar”, eram compostas por conduções de movimento que visavam acionar o corpo, os sentidos e a atenção ao momento de aula que estávamos por iniciar. Chamávamos este momento de “Chegança”. Ele ocupava os 10 ou 15 minutos iniciais dos encontros *online* das turmas vespertinas e noturnas do “Seminário 9”. Diferentemente da organização dos Convites, os momentos de “Chegança” não aconteceram a partir de uma elaboração coletiva de nós três. Isto porque, a princípio, cada uma forjava a atividade através do contato com as temáticas a serem abordadas na aula de cada dia e traçava trilhas que nos pudessem levar a elas desde o início do encontro. Para tanto, cada proponente utilizou os recursos que faziam parte de suas experiências⁶: movimentos mais ou menos dinâmicos, práticas de concentração ou de dança, guiadas por músicas, ou não, e etc.

Sinalizamos também que a “Chegança” não é/foi uma proposta experimentada por nós exclusivamente no “Seminário 9”. Ela é uma ação de abertura que está presente em praticamente todas as nossas ações, sejam de ensino, pesquisa ou extensão: abrindo as portas de nossas reuniões regulares do Grupo de Pesquisa, iniciando as apresentações que fazemos em congressos e outros eventos acadêmicos e etc. As “Cheganças”, assim, não se tratam apenas de um “aquecimento” para a aula, mas é entendida por nós como a primeira ação que nos convida a começar a fluir no/para o encontro e estão ancoradas na perspectiva de uma educação do sensível (DUARTE JÚNIOR, 2000).

6 O planejamento das “Cheganças” e dos “Convites Sensíveis para Movimentar” ficou a cargo da equipe de “Corpo e Movimento”, a professora e suas mestrandas que realizavam seu estágio docente. Importante destacar que a formação das integrantes da equipe permitia que lançassem mão de suas experiências e saberes para elaboração das propostas (sendo uma professora doutora em educação, pedagoga e psicóloga, com formação em Dança Contemporânea; outra artista, formada em dança e professora e a terceira educadora física e professora de Yoga).

Tal perspectiva é o terreno sob o qual nosso Grupo de Pesquisa - o FRESTAS⁷ - se enraíza, germina e floresce. Desde seu nascimento, em 2014, temos estudado, desenvolvido e praticado possibilidades educativas que colocam em diálogo sentir e pensar, vida e pesquisa, educação formal e cotidiano. Ou seja, recursos pedagógicos de ensinar-aprender que não reforcem o projeto moderno de fragmentação das vidas (HOOKS, 2017). Nos conduzindo, ética, política e esteticamente a uma prática educativa que evidencia os/as sujeito/as e suas potencialidades de estarem integrados/as a tudo que os/as envolvem (DUARTE JÚNIOR, 2000). Neste sentido, a educação das sensibilidades/educação estética (DUARTE JÚNIOR, 2000) tem sido entendida por nós como um campo de conhecimento teórico-prático que nos estimula a “[...] um dedicar-se ao desenvolvimento e refinamento de nossos sentidos, que nos colocam face a face com os estímulos do mundo” (p. 15).

No entanto, ao longo das experimentações com as “Cheganças” no “Seminário 9” diversos questionamentos nos inquietaram. Alguns, em especial, se relacionavam com uma sensação que frequentemente tínhamos: a distância que as telas luminosas nos impunham, causando angústias nos encontros. Diante disso: como diminuí-la? Como aprofundar as propostas que surgem do/no corpo? Quem são as pessoas que estão do outro lado da tela? Quais suas questões, medos, curiosidades, histórias? Que outras ambiências podíamos criar para que os/as estudantes se envolvessem mais nas propostas de movimento? Que outras frestas haveriam, na instância remota, para firmarmos a presença do corpo e do movimento naquele contexto acadêmico cercado com um cotidiano pandêmico?

O fato era: tínhamos alguns bons retornos dos/das estudantes, mas os poucos que recebíamos nos sinalizava a dificuldade de alcançar a todos/as. Seus desenvolvimentos nas propostas e também nossa energia de criação para essas dinâmicas pareciam ter estacionado, devido ao desgaste físico e emocional evidentemente mais presente com o passar dos dias, com o aumento da quantidade de mortos por COVID-19 e adoecimento de pessoas cada vez mais próximas de nós. Assim, inserir os convites como “Chegança” em cada aula se tornava a cada mês um desafio maior. Mas, inspiradas no dizer de Duarte Júnior (2000, p. 32) - “contudo, é preciso ousar; é preciso furar a crosta cientificista que vem tornando as reflexões acadêmicas impermeáveis à vida” - seguimos pesquisando maneiras, perguntando e desejando dar

7 FRESTAS é a sigla que representa o nome do Grupo de Pesquisa: Formação e Ressignificação do Educador: Saberes, Troca, Arte e Sentidos. O Grupo é vinculado ao NINA (Núcleo Infâncias, Natureza e Arte) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

continuidade ao processo experiencial que era/é estar em formação docente. Especialmente porque um novo semestre estava prestes a iniciar, e desejávamos encontrar novas propostas e afetos para movimentar as aulas do “Seminário 9”.

Como convidar de forma sensível um corpo ao movimento? Como formular possibilidades de criação, de envolvimento, de descobertas e autocuidado sem estar no encontro presencial, e nas possibilidades de contato e aproximação entre corpos? Quais ferramentas sensíveis - que subvertem as distâncias e criam pontes de contato - podem ser utilizadas?

Concepção

Assim, em julho de 2021, começamos a ensaiar uma nova maneira de propor os convites ao movimento. Uma prática que fosse realizada na composição artística em audiovisual, usando ferramentas como: enquadramento, textos, imagens, trilhas sonoras, que acreditávamos poder enriquecer o movimento como um convite sensível. Uma possibilidade que também pudesse ser uma experiência estética e, portanto, “[...] formadora de um modo próprio de percepção do mundo, do outro e de si mesmo” (RIBES, 2011, p. 228). Convites que respeitassem os limites e especificidades de cada pessoa, que integrasse arte, corpo e movimento e que abrisse espaço para experimentá-la diversas vezes, para quem assim desejasse. Portanto, que não operassem apenas como “Chegança” no momento inicial das aulas síncronas, mas que ficassem disponíveis ao longo do semestre e durante os meses que estavam por vir.

Assim, os “Convites Sensíveis para Movimentar” consistiram em nove vídeos, de duração máxima de 15 minutos, com propostas conduzidas para experimentações de movimento, voltadas ao autocuidado e à dança, e foram reunidos no espaço *online* que intitulamos de “Sala de Corpo virtual” na plataforma de compartilhamento de vídeos do “Youtube”⁸. Nossa intenção foi relacionar as práticas pelas quais lançávamos os convites com as regiões do corpo que percebíamos estarem mais acometidas naqueles tempos, escolhidas a partir do contato com os/as discentes. Notávamos pelos depoimentos das/dos estudantes o quanto estavam afetados por tudo o que acontecia no país, no mundo e em suas vidas. Dores, estados de ânimo alterados, ansiedade, casos de depressão eram algumas das questões que acometiam o grupo. Também nós,

⁸ No entanto, por estar diretamente voltado aos/às estudantes, docentes e monitoras do Seminário 9, os vídeos estavam e ainda estão cadastrados como “não-listado” - uma opção da plataforma que permite que apenas pessoas com o *link* tenham acesso aos materiais armazenados lá.

responsáveis pelo “Seminário 9”, esforçávamo-nos para manter a presença, a conexão e o desejo vivo em busca de produzir encontros que pudessem efetivamente envolver os/as estudantes e contribuir para que pudessem fortalecer-se em alguma medida.

Inspiradas em bell hooks (2017), desejávamos borrar a distância conservadora imposta na relação professor-aluno e, mais ainda: fazer do espaço virtual um ambiente possível de presenças, atenção e cuidados. Por isso, nos interessava estar a todo tempo atenciosas às narrativas dos/das estudantes, criando uma sala de aula onde discentes e docentes enxergam-se a si e uns/umas aos/às outros/as. Até porque, “no que se refere às práticas pedagógicas, temos de intervir para alterar a estrutura pedagógica existente e ensinar os alunos *a escutar, a ouvir uns aos outros*” (HOOKS, 2017, p. 200, grifo da autora). Assim, íamos produzindo movimentos e, à medida que nos deslocávamos nesta experiência, praticávamos o exercício de compreensão ao qual bell hooks (2017, p. 185) também nos encoraja: o de tornar mais e mais evidente “[...] que nós trabalhamos na sala de aula” e, portanto, o processo pedagógico seria/será tecido a partir do reconhecimento de cada presença, percepção e sentido que criamos em nossas subjetividades e em coletivo.

Elaboração

Nesse sentido, adentramos ao processo criativo, através do seguinte método: definir os temas de cada vídeo e, a partir disso, elaborar conduções, imagens e narrativas para compor os Convites. Os temas abordados foram: Pés; Rosto e Cabeça; Coluna; Mãos; Quadril/Bacia; Pescoço e trapézio; Enraizar; Forró e Vamos dançar. A escolha para as regiões do corpo a serem solicitadas de maneira focal derivou do desejo que tínhamos de mobilizar todo o corpo à experiência de movimento, em etapas, dando atenção também as estruturas corporais mais solicitadas durante aquele momento pandêmico devido às longas e intensas horas sentadas/os e/ou pelo uso indiscriminado dos aparelhos eletrônicos.

O desenvolvimento dependia de uma elaboração conjunta sobre a concepção e uma divisão de afazeres para uma distribuição de trabalho. Era importante criarmos uma estrutura dramaturgica similar a todos os convites, na intenção criar um vínculo entre os Convites e os/as estudantes, propondo uma continuidade à experiência como “episódios” conectados aos que vieram antes e aos que se sucederiam. Escolhemos iniciar os vídeos sempre com imagens que

traziam o humor como ferramenta estética, criando uma abertura em relação ao sentido da palavra abordada. Por exemplo: no tema Pés, escolhemos diversas imagens de tipos variáveis de pés de animais, “pés de fruta” (árvores frondosas), além de brincadeiras com a palavra pé, utilizando fotografias de objetos como pé de cabra e pé de pato. Esse modo brincante nos levava até perguntas importantes a respeito do nosso modo de estar, convidando a uma percepção de si: “Como estão seus pés agora?”, “Estão aquecidos?”, “Calçados ou descalços?”, “Você saberia dizer quantas articulações tem um pé?”, “Vamos para a prática?”. Essa abordagem nos conduziu a sempre iniciá-los com certa abertura para a imaginação e o humor. Um caminho convidativo para a experiência que viria depois.

Os conteúdos dos vídeos variavam, dependendo da parte do corpo que foi abordada, assim como as filmagens que cada integrante da equipe realizava. Fizemos alguns combinados sobre as gravações, apontamentos básicos para a criação de imagens de qualidade, como: utilizar fundo neutro e câmera na horizontal. Mas, principalmente, no tipo de condução que seria elaborada para cada tema escolhido. Iniciamos com os pés, na intenção de movimentar suas articulações não como uma ação mecânica, mas criando uma atenção aos detalhes de seus movimentos e das possibilidades articulares. O intuito era mover e massagear, utilizando também objetos ordinários os quais os/as estudantes pudessem ter fácil acesso, como bolas de tênis e bolas de meias (produzidas durante a prática), para pisar vagarosamente, apalpar, pisar, articular, mover, e depois preparar um escalda pé para o relaxamento com água morna, alecrim e sal grosso, então, deixar os pés, que nos sustentam o dia inteiro, descansarem.

O tema enraizar se assemelhou bastante com o “Convite Sensível para Movimentar - Pés”. Porém, a partir de alguns retornos positivos dos/das estudantes sobre o quanto a experiência com a “Sala de Corpo” tinha sido/estava sendo transformadora, convidamos para compor a equipe e, então, propor uma prática, um estudante do “Seminário 9” e que também, na época, atuava como bolsista de extensão em nosso Grupo de Pesquisa - o Luiz. Ele é professor de dança de salão, pesquisador do movimento e aceitou elaborar uma prática no qual pudéssemos firmar nossos pés no chão para, futuramente, experimentarmos uma proposta de aula de forró. Desta forma, Luiz propôs uma condução que aborda principalmente a relação do peso do corpo com o chão, focando nos apoios mais utilizados no dia a dia. Nesse sentido, praticamos movimentos que os pés possibilitam, sempre relacionados à imagem de enraizar, de adentrar a terra, o chão, mesmo que fosse dentro de um apartamento. Trouxemos como imagens de abertura

diferentes tipos de raízes, desde as mais singelas e frágeis, como de sementes que acabam de brotar, até árvores centenárias, com raízes que adentram as profundezas da terra.

Outra questão importante para a realização da série de vídeos foi a parte da finalização. Muitos elementos foram criados durante a edição do material filmado. Esse momento da criação nos possibilitou muitos caminhos criativos, tanto para resolver problemas, quanto para enriquecer as imagens, a dramaturgia ou a narrativa dos vídeos. Os sons, as imagens, os momentos de silêncio, as alterações de luz e de enquadramento foram também realizadas nesse momento final. Isto porque nossa intenção também era criar um forte diálogo com a linguagem da videodança, que aborda a relação entre câmera e corpo, cinema e dança. Ou seja, um convite para movimentar que acontecesse através de uma condução artística, com cuidado, sutileza e humor.

No final de alguns vídeos criamos um momento de escuta. Às vezes fazíamos a leitura de algum conto ou poesia que possibilitasse mais um convite sensível. No primeiro vídeo - “Pés” -, lemos o conto de Júlio Cortázar: “Instruções para subir uma escada” (CORTÁZAR, 2015). Nesses casos, a imagem de uma tela branca permanecia enquanto as palavras eram recitadas, possibilitando um momento de percepção generosa dos sons, com um corpo relaxado, capaz de sentir seu contorno, seu peso e a sua potência imaginativa e poética.

Para nós, esse movimento de cuidar da concepção e elaboração de um recurso pedagógico, estando aberto/a às possibilidades transformativas da prática docente tem a ver com uma educação do sensível que, de acordo com Duarte Júnior (2000, p. 36-37),

significa não somente o desenvolvimento de pessoas mais plenas e inteiras em seu contato (pessoal e profissional) com o mundo, mas também a criação daquelas bases humanas sobre as quais poder-se-á erigir novos parâmetros do conhecimento, sejam eles chamados de transdisciplinares ou holísticos. E ainda a educação do sensível deverá, de maneira reflexa, implicar numa educação mais sensível em si própria, isto é, menos interessada na quantidade de informação a ser transmitida do que na qualidade de formação daqueles a ela submetidos.

Diante disso, encaminhamos nossa práxis docente junto dessa perspectiva de Educação, implicada diretamente em construir trilhas ao conhecimento, que se constituem ao integrar razão e emoção, teoria e prática, ambiente acadêmico e cotidiano, a qual abordamos anteriormente. Por meio do contato fino e intenso que viemos mantendo com ela a partir dos estudos, experimentações e reflexões desenvolvidas por nosso Grupo de Pesquisa, vamos,

cotidianamente, nos empoderando de escolhas que evidenciam que a experiência é central e significativa no processo de formação de pessoas e, portanto, de docentes (HOOKS, 2017).

Neste sentido, nossas estratégias pedagógicas são investigadas e colocadas em prática à medida que sublinhamos com e por elas as subjetividades, as presenças, as narrativas e os sentidos envolvidos na trajetória formativa, inicial e continuada, de professores/as. Por isso, no “Seminário 9” desenvolvemos os “Convites Sensíveis para Movimentar” como um recurso pedagógico que fosse também uma experiência educativa estética - como nos ensina Duarte Júnior (2000) no fragmento acima: um processo de formação de pessoas mais inteiras, plenas, atentas ao que lhes acontece nas tramas do cotidiano, que possam se empoderar e elaborar seus próprios conhecimentos ao passo que mergulham em sua existência singular e coletiva com o mundo; um acontecimento que não opera como um tsunami de informações, que não se apoia em uma educação bancária (FREIRE, 2021), mas que mobiliza potências de autonomia, sensibilidades e, portanto, uma educação libertadora (FREIRE, 2021).

Atentas a isso, foi no miúdo dos processos de feitura dos Convites e das miudezas presentes nos retornos que começamos a receber dos/das estudantes do “Seminário 9” que intensificamos nossos olhares à importância dessa nova estratégia pedagógica a qual estávamos dedicadas para abordar a sala de aula. Assim, nos dedicamos na próxima seção a expandir o espaço a essas devolutivas dos/das estudantes - responsáveis por nos inspirar à escrita deste artigo - a partir de suas próprias narrativas. Tal movimento se trata, portanto, de uma escolha metodológica estruturante do FRESTAS⁹: ampliar a visibilidade daquilo que os/as sujeitos/as que integram nossas ações de pesquisa, ensino e extensão dizem por si mesmos, entendendo-os/as como co-autores dos trabalhos que se desenvolvem a partir de suas participações e não como “sujeitos pesquisados”. Portanto, trazemos suas presenças também nas palavras que nos escreveram e não apenas por nossos comentários a respeito delas. Optamos também por abordar as narrativas que vieram em resposta ao “Convite Sensível para Movimentar - Pés” que inaugurou essa experiência educativa estética.

9 Nosso Grupo de Pesquisa estuda e prática pesquisa de mãos dadas à metodologia de Pesquisa Narrativa. A respeito deste tema, compreendendo sua amplitude e importância, indicamos a leitura do artigo: GUEDES, Adrienne Ogêda; RIBEIRO, Tiago. Revelar-se ou ocultar-se? Apontamentos para pensar uma pesquisa educativa. In: Adrienne Ogêda Guedes e Tiago Ribeiro (orgs.). **Pesquisa, alteridade e experiência**: metodologias minúsculas. Rio de Janeiro: AYWU, 2019, p. 19-46.

“Convites Sensíveis para Movimentar”: recurso pedagógico a uma experiência educativa estética com os pés

Inspiradas em bell hooks (2017, p. 188), reconhecíamos que professores/as podem “[...] desconstruir as parcialidades tradicionais ao mesmo tempo em que partilham essas informações por meio de uma postura corporal, um tom de voz, uma escolha de palavras etc. que perpetuam as próprias hierarquias e parcialidades que estão criticando”. Como podem, por exemplo, partilhar “Convites sensíveis para movimentar” a fim de que pedagogos/as em formação percebam a si mesmos/as. Notem-se como sujeitos/as de conhecimento (FREIRE, 2021) e de corpo inteiro (HOOKS, 2017), e existam no mundo de maneira integrada (DUARTE JÚNIOR, 2000). Não necessariamente lançando suas atenções aos feitos grandiosos que muitas vezes nos ocupamos de procurar e provocar em nossos dias, e sim cuidando de observar a beleza que habita o miúdo, como nos alertam e sugerem Simas e Rufino (2019). Como os gestos elaborados por nossos pés, por exemplo: o que são capazes de criar quando convocados a brincar com bolas coloridas e macias? O que reverbera no corpo, quando iniciamos um relaxamento pelos pés? O que sentimos? Que pistas podem nos dar quando sensibilizados a mergulhar em uma bacia com água morna e ervas aromáticas?

Alguns/as estudantes do “Seminário 9” após experimentarem as práticas de movimentos que propusemos para serem feitas com os pés, nos inquietaram e inspiraram com seus relatos. Um/a deles/as foi:

Pés que me aguentam o dia inteiro! Essa experiência foi mais atenta do que a anterior, depois de pisar, rolar e brincar com as bolinhas de tênis e ouriçada, a sensibilidade dos meus pés era outra, eu sentia cada extremidade dos meus pés. Senti grande alívio ao entrelaçar as mãos com os pés e massageá-los, pude perceber que ficamos um dia inteiro com eles “anestesiados”, às vezes, inchados e não cuidamos, não lhe dando a devida e merecida atenção. Depois de deixar os pés de molho e esfoliá-lo, estavam novos e sensíveis, o peso do meu corpo pareceu mais leve, pude sentir por um bom tempo os meus pés vividamente, uma base renovada [...] (ESTUDANTE A, Arquivo de Pesquisa, 2021).

Os pés, de repente, ganham foco. Apertados em sapatos fechados, com o intuito de protegê-los, acabamos nos esquecendo que eles existem, tendo em vista que, conforme Duarte Júnior (2000), na sociedade contemporânea - filha da Idade de Moderna - raras são as oportunidades em que aprendemos “[...] a ter maior consciência de nosso corpo, de modo a ouvir seus apelos e o educar para uma vida mais saudável [...]” (p. 19). Mas, com “Convites Sensíveis para Movimentar” notamos que basta uma provocação para experimentar, pisar no chão e sentir

os pontos de apoio pesarem sobre a superfície, voltando nossa atenção para essa simples e miúda presença, que algo acontece. E esse acontecimento estético vai sensibilizando vagarosamente quem se permite a experimentar, não se tratando, como expressa Perissé (2009, p. 26) “[...] de algo que afete apenas nossos sentidos externos, mas todo o nosso corpo e toda nossa interioridade”. Os pés, então, visitaram de outro jeito o chão, a água; e ao sentirem prazer com esse momento de pausa e cuidado, os/as estudantes puderam refletir sobre as dinâmicas mais brutais do cotidiano e a importância do cuidado. Algo que, assim como o gesto fino de subir uma escada (CORTÁZAR, 2015), ganha mais corpo e qualidade à medida que é educado, que tomamos um tempo generoso para nos dedicarmos a ele.

Percebemos, desta forma, que é necessária sensibilidade para elaboração desses e outros tantos movimentos reflexivos e corporalizados. Quando estimulados a nos aproximar dessa nossa dimensão, descobertas acontecem. O relato em destaque, por exemplo, explicita o quanto a ação voltada para os pés sensibiliza o corpo como um todo. A/o “Estudante A” percebeu o quanto pôde sentir a mudança da sensação do seu peso. A experiência convocou uma reflexão através do sentir, nos dando pistas de que é perceptível o quanto alteramos nossas sensações em relação aos nossos próprios apoios, pesos, incômodos e dores. Assim, o “sentir cada extremidade dos meus pés”, além de tratar-se de uma relação corporal mais externa, de contato com a pele, os músculos, as estruturas ósseas e a superfície do chão, é também uma relação profunda consigo mesmo/a, através do toque, do cuidado e da simples atenção à essa parte específica do corpo.

Ao propor um “Convite Sensível para Movimentar” voltado aos pés, nos interessava também problematizar o fato de que já andamos tanto, que esquecemos que não nascemos assim - de corpo ereto e pés no chão. Aprendemos a nos equilibrar sobre os dois pés, buscando apoios, com todo o corpo, para atingirmos a posição vertical. Mas nos habituamos com essa postura e diminuímos as possibilidades de visitarmos outras. Desejávamos incitar pelo movimento, pelas imagens, pela voz, questões em torno disso: Quais outras posturas podemos criar com nossos corpos? Quais outras posturas podemos criar na sala de aula, na formação de professores/as, com nossas corporalidades? E se brincássemos mais, como se estivéssemos pisando no chão pela primeira vez, como nos sugere Cortázar (2015) nas suas instruções poéticas? E se assumirmos a posição de sujeito/a que, aberto/a à beleza (PERISSÉ, 2009), se forma constantemente (FREIRE, 2021), se deslocando, alterando pontos de vista e partida, que enxerga no corpo e no cotidiano rotas educativas e mapas de caminhadas?

Esse olhar desviante sobre os gestos que parecem óbvios são as possibilidades imaginativas e artísticas para invenções de novos hábitos. O cuidado na docência - especialmente em tempos adversos como os da pandemia no qual vivíamos - também requer imaginação, invenção e ousadia, tendo em vista a afirmação feita por Perissé (2009, p. 49), com a qual corroboramos: “formação é isso, fazer de algo carne de nossa carne, sangue do nosso sangue. Fazer de várias e intensas experiências estéticas um certo clima interior, um certo modo de olhar a realidade, um certo modo de aprender e de ensinar”.

Assim inspiradas e seguindo uma metodologia escrita e formativa desviante, arriscamos a ensaiar um convite aos corpos que aqui escrevem e leem: uma pausa para mover e saber, por si mesmos, as possibilidades, oportunidades e potencialidades que nos colocam em pé. Como pisar o chão agora? Apenas tirar os sapatos e pressionar os pés para sentir o contato com a superfície. Pisar no chão. Porque agora, enquanto a escrita é construída, imaginamos as posturas de quem nos lê. Sentados/sentadas? Deitados/deitadas? Para onde apontam seus pés? Para o teto? Para a parede?

Dentre algumas possibilidades, continuamos com nossa proposta, evocando o “Convite Sensível para Movimentar - Pés” por meio de um *QR code*¹⁰ - um dos recursos que nosso Grupo de Pesquisa começou a experimentar, após ser inspirado pela dissertação de mestrado da artista-pesquisadora Adriana Alves intitulada “Corpoexperiência: cartografias, dobras e discontinuidades”¹¹. Ao termos estudado o trabalho de Adriana, percebemos a potencialidade do *QR code* ser uma ferramenta possível para trazermos cenas às nossas pesquisas e para tornar mais experienciável às/aos leitoras/leitores as produções e as práticas com as quais temos composto nossas escritas.



¹⁰ Para acessar é necessário ter no celular um aplicativo que faça leitura de *QR code* ou, se preferir, pratique por este link: <https://drive.google.com/file/d/16emKq7ZJsOOxO-ZQtwjgCsgYcrU9jBYa/view?usp=sharing>. Conforme sinalizado por nós durante a submissão deste texto à Revista Rascunhos, em respeito às regras de anonimato, este vídeo foi inserido após a aceitação do mesmo pela Revista, a partir do parecer positivo dos/das avaliadores.

¹¹ Adriana Andrade Alves defendeu sua dissertação no ano de 2021. Sua produção, que nos foi/é tão inspiradora, pode ser acessada pela Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações por meio deste link: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFJF_fd48f5e397b6f483e1dcc4fdbf0c87cc.

Elaborar caminhos para movimentar o corpo através de um olhar sensível é mergulhar em possibilidades para si mesmo, atentando aos movimentos e propostas que também nos proporcionam prazer, diversão e relaxamento. Ou seja, um tempo para estarmos atentas/os às nossas necessidades, resistindo ao processo perverso de uma lógica neoliberal auto exploratória (PATZDORF, 2021). Por isso, a “Sala virtual” do “Seminário 9” se anunciava desta forma para os/as estudantes, docentes, monitoras e estagiárias docentes que o integravam e que nela se aconchegavam:

Esse projeto é um convite para que vocês, estudantes deste seminário, possam viver experiências corporais e estéticas mesmo quando não pudermos nos encontrar. Sem pressões, sem prazos, façam quando puderem, quando se sentirem confortáveis, sintam-se convidadas a se moverem, a se permitirem experienciar esses momentos (ARQUIVO DE PESQUISA, 2021).

Diante dos retornos que recebemos dos/das participantes a partir de seus escritos sobre o percurso formativo que vivemos ao longo do segundo semestre de 2021, percebemos a notável adesão que os “Convites Sensíveis para Movimentar” tiveram. Relatos que, por expressarem os sentires e reflexões dos/das discentes em torno do que um recurso pedagógico criado para ser uma experiência estética pode provocar em suas existências, tomam nossa atenção de forma alargada na próxima seção - aquela com que consideramos causar um movimento final neste ensaio.

Considerações sensíveis para finalizar/continuar/suspender/movimentar

Convidar é um verbo que proporciona aberturas a experiências, sem obrigatoriedade de quem o recebe, aceitá-lo. Com a dificuldade do distanciamento social, criamos possibilidades sensíveis, através da linguagem audiovisual, para realizar os “Convites Sensíveis para Movimentar”. Transformamo-nos nos percursos de suas criações, percebendo que quem convida também proporciona uma abertura de si, em relação aos seus prazeres e necessidades, abrindo-se por consequência às possíveis necessidades alheias. No processo criativo nos proporcionamos a experiência de criar práticas que também nos causassem bem-estar, chegando até aquelas e aqueles que se sentissem convidadas/convidados a vivenciá-las.

Por isso, escolhemos narrar essa experiência através de uma escrita que não exclua o corpo e seus saberes, uma escrita que respire, que seja fluxo como seus líquidos, que pare por

alguns instantes, que se envolva e se emocione, que duvide, desconfie, que seja viva, que seja também convite. Da mesma forma, optamos por convocar, na experiência de viver o “Seminário 9”, um processo pedagógico e formativo em que estivessem integradas todas essas dimensões de nossas corporalidades. Tendo em vista que,

apesar de conhecermos com o corpo, apesar de ser com o corpo que temos percepção, experiência e memória do mundo, ele é tendencialmente visto como suporte ou tábula rasa de todas as coisas valiosas produzidas pelos humanos. [...] O corpo de emoções e afetos, do sabor, do cheiro, do tato, da audição e da visão não está incluído na narrativa epistemológica, mesmo depois de Spinoza ter criticado definitivamente essa exclusão como sendo irracional e estúpida. (SANTOS, 2019, p. 137).

Essa visão do corpo como tábula rasa era/é, sem dúvida, um dos pontos de vista que mais investimos energia em problematizar no “Seminário 9”, tanto com os referenciais teóricos que nos embasam quanto com nossa proposta metodológica teórico-vivencial. Mesmo antes da pandemia, quando organizávamos o componente curricular “Corpo e Movimento”, já percebíamos que o alcance e a produção de saberes, por parte dos/das professores/as em formação inicial e nossa - professoras em formação continuada - era potencializado quando mobilizávamos ensinamentos pela via do movimento corporal. Frente a isso, lutamos para manter as dimensões teóricas e vivenciais de mãos dadas no curso de nossas ações - em “Corpo e Movimento”, no “Seminário 9” e em todas as outras que mobilizamos no âmbito da universidade.

Alinhadas com um rumo epistemológico e formativo que se movimenta no/pelo exercício ativo de escutar e atentar-se a si e ao outro, constelando necessidades e potencialidades, nossas escolhas vão ganhando corpo e tendo continuidade não porque apenas percebemos que “atingimos os objetivos almejados”, mas também - e principalmente - porque sentimos, em conjunto com os/as estudantes e por meio de suas narrativas, que algo lhes aconteceu. Um acontecimento inesperado, muitas vezes, que lhes causou surpresa, mudanças. Lhes fez rever apostas e criar frestas à experimentação e ao movimento. Em relação a isso, o relato de “Estudante B”, ao final do semestre, a respeito do percurso que vivemos em coletivo nos chamou atenção:

Outro aspecto importante que precisa ser pontuado, foi o projeto “sala virtual” da professora Adriane Ôgeda, auxiliou muito na ampliação do trabalho, a conexão sensível entre corpo e o espaço proporcionou expectativas positivas sobre as

estratégias, a dinâmica do grupo e pensar na forma de contribuir através do saber e da experiência do outro a transformação da prática pedagógica (ESTUDANTE B, Arquivo de Pesquisa, 2021).

O/a “Estudante B” desvendou, à sua maneira e a partir de sua experiência, achados a respeito da “Sala de Corpo” e seus “Convites Sensíveis para Movimentar”: pensar em formas de contribuir dentro e fora da sala de aula, investigando modos outros de acessar o corpo, o cotidiano e os conteúdos partilhados no ambiente formativo formal; proporcionar expectativas positivas a respeito do componente curricular “Seminário 9”, diante de um momento de grande instabilidade, a partir do exercício sensível de conectar corpo, espaço e atividade acadêmica.

Nessa trilha, “Estudante C” direcionou sua atenção para perceber como as circunstâncias remotas e pandêmicas afetavam/poderiam afetar sua relação com as experiências formativas que começaria a viver conosco no segundo semestre de 2021. E, de repente, uma surpresa:

Essa sensação de incerteza me deixou desconfortável e desanimado de fazer uma matéria como corpo e movimento no modelo remoto. Mas pelo menos nossos encontros me fizeram mudar um pouco de ideia, pois tivemos debates muito interessantes, ao mesmo tempo que convites sensíveis que pelo menos no meu caso me fizeram me conectar com o momento presente e mitigar um pouquinho dos efeitos que a pandemia tem causado no meu corpo (ESTUDANTE C, Arquivo de Pesquisa, 2021).

Surpreender-se com as possibilidades afetivas e inventivas. Deixar-se afetar pelos gestos desviantes, convidativos e processuais. Permitir-se ao desconhecido ou ao estranhamento, e deixar o corpo refletir: movimentos possíveis - mesmo que nem sempre presentes - no cotidiano e no processo formativo. Ações que, para nós, no campo das ciências humanas, são vitais.

Uma caminhada começa com o primeiro passo. E, no caso da pesquisa em ciência humanas, esse primeiro passo dá início a uma jornada em que não se sabe - e o sabor está aí -, aonde exatamente se vai chegar. Resta, pois, a experiência de caminhar, de enveredar-se por trilhas, experimentá-las, experienciá-las [...] (GUEDES e RIBEIRO, 201, p. 19-20).

Compreendemos que, diante das circunstâncias instáveis da pandemia, como bem destacou “Estudante C”, o não saber exatamente aonde se vai chegar estava ainda mais presente. Começávamos a experimentar, pela primeira vez, caminhar naquele terreno íngreme inventando, mais uma vez, uma maneira de nos colocarmos em caminho - na vida diária, como professoras que se formam e como professoras que formam, no “Seminário 9”. Nos restava, pois, junto com

os/as estudantes, experimentar os novos sabores que pudéssemos encontrar nesta jornada. E, para tanto, a cada passo que dávamos nos interessava não apenas que nós pudéssemos reconhecer tais sabores do processo, mas sim convidar todo o grupo, que se formava junto naquela ambiência formal de ensino, a vivenciar em coletivo.

Diante disso, acreditamos que os convites - e os “Convites Sensíveis para Movimentar” - podem/puderam ser experiências surpreendentes, podem/puderam nos mostrar novos caminhos, novas maneiras de convívio com o outro e com nós mesmos, tanto no contexto da formação de professores, a partir da relação professoras-estudantes, no qual estávamos inseridas no “Seminário 9”, quanto no contexto da formação com/no cotidiano, considerando as demais relações que estabelecemos: com a casa, a família, o trabalho e etc. Nessa dinâmica percebemos que convites sensíveis possuem a delicadeza de uma condução sem prazos e respostas, mas exigem uma dedicação afetuosa nas suas feitura, desenvolvida coletivamente, refletindo sobre como criar presenças, diminuir distâncias e mitigar as durezas da atualidade. Assim como uma escrita, que nos convida a um processo criativo, atento aos desvios poéticos, às sensações, ansiedades, inspirações, angústias, silêncios e conversações. Um movimento, um ato, uma invenção que narra, conta, fundamenta, associa e dialoga. Uma escrita que, partindo do corpo e pelo corpo, percebe-se em direção a um fim ao passo que inaugura e dá a ver tantas outras possibilidades de continuidade.

Diante dessa sensação de uma finalização contínua, a escrita se volta a ela mesma. Ela se apresenta como ação/reflexão/invenção, durante o percurso de elaboração, que dá forma e corpo, a partir da sutileza dos convites para adentrar ao ensaio, carregados de desvios que percorrem o corpo de quem escreve. Ensaio em que, como nos sugeriu Adorno (2003), escolhemos começar abordando aquilo sobre o que desejávamos falar, fluímos ao contar o que nos aconteceu nesse processo, terminando aqui, exatamente aqui, onde sentimos ser o ponto final. E não porque não há mais nada a dizer, mas porque queremos que nossa escrita ocupe, como processo artístico, “[...] um lugar entre despropósitos” (ADORNO, 2003, p. 17), e, seja, portanto, um “Convite Sensível para Movimentar”.

Referências

- ADORNO, Theodor W. **Notas de Literatura I**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2003.
- BONDÍA, Jorge. **O ensaio e a escrita acadêmica**. Educação e Realidade [online], Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), vol. 28, n. 2, p. 101-115, 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/25643/14981>. Acesso em: 28 mar. 2022.
- CORTÁZAR, Julio. **Histórias de cronópios e de famas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2015.
- DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. 2000. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: o nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2020.
- GUEDES, Adrienne Ogêda; RIBEIRO, Tiago. Revelar-se ou ocultar-se? Apontamentos para pensar uma pesquisa educativa. In: Adrienne Ogêda Guedes e Tiago Ribeiro (orgs.). **Pesquisa, alteridade e experiência: metodologias minúsculas**. Rio de Janeiro: AYVU, 2019, p. 19-46.
- hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2021.
- MORIN, Edgar. **A Cabeça Bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2006.
- PATZDORF, Danilo. Artista-educa-dor: a somatopolítica neoliberal e a crise da sensibilidade do corpo ocidental. **Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v. 1, n. 40, p. 01-28, 2021. Acesso em: 13 jan. 22. DOI: [10.5965/1414573101402021e0101](https://doi.org/10.5965/1414573101402021e0101).

PERISSÉ, Gabriel. **Estética & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

RIBES, Rita. A pesquisa como experiência estética. In: Mailsa Carla Pinto Passos, Rita Marisa Ribes Pereira (Orgs.). **Educação e (?) Experiência Estética**. Rio de Janeiro: Nau, 2011.

SANTOS, Boaventura de Souza Santos. **O Fim do Império Cognitivo**: a afirmação das epistemologias do Sul. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2019.

SIMAS, Luis e RUFINO, Luiz. **Flecha no Tempo**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.